

## O início de tudo: descobrindo um caminho

---

*A lembrança daquelas palavras pareceu voltar ao rei de muito longe,  
atravessando o tempo, ardendo novamente no peito.  
E em cada uma ele reconheceu com surpresa a sua própria voz...*  
Marina Colasanti (2000: 92)

Começo esta narrativa trazendo o conto “Palavras Aladas” de Marina Colasanti. Um rei mandou construir uma redoma ao redor do seu palácio para que nenhum barulho pudesse entrar no castelo. Ele amava o silêncio. Consequentemente, som algum podia sair. E assim, anos a fio, as palavras ficaram aprisionadas, escondendo-se por entre os cantos do castelo. Até que um dia, no encontro com sua própria voz, ele reconhece que palavras não foram feitas para o calabouço e, num grito que estava calado a tanto tempo, ele ordena:

*Que se abram as portas!  
Que se derrube a redoma!  
Que se abatam os muros!*  
Marina Colasanti (2000: 90)

Palavras são aprisionadas quando limitamos a verdade a um texto. As palavras numa teoria que se postula como verdade, são prisioneiras. Como no conto de Marina Colasanti, batem no limite da redoma que constróem sobre si mesmas e voltam acomodando-se no meio dessa construção. Essa história de castelo, de rei e palavras aprisionadas me remetem a um outro texto: *A teoria como hipótese* (Brandão, 2002). Cada construção teórica, vista como uma hipótese, não encerra em si toda a pretensão de verdade. Há uma realidade sobre a qual nos debruçamos. No nosso caso, o campo educacional. Partimos de um lugar com uma bagagem teórico-metodológica para, no encontro com os sujeitos da nossa pesquisa, no mergulho que fazemos no campo empírico, buscarmos a visibilidade necessária para entender que relações esses sujeitos estabelecem e o que podemos aprender e apreender desse universo pesquisado. O que poderei ver? A que conclusões poderei chegar? Que palavras quebrarão a minha própria redoma?

Meu encontro com a pesquisa é como o grito do rei a ordenar: *que se abram as portas, que se quebre a redoma*, que se permita às palavras não serem mais prisioneiras, mas que *criem asas levando ao mundo a vida do castelo*. E, porque não dizer também, a vida do mundo ao castelo.

Este jeito de começar é também um jeito de falar um pouco de mim mesma. Gostaria de ter uma grande história para contar, de lutas e desafios. Na verdade, me sinto como se estivesse começando agora. No entanto, lá no fundo, eu sei que não é bem assim, pois encontro nesses cantos, cortinas, corredores e portas da pesquisa a

minha própria voz, que há muito tempo busca sair da acomodação. Se há um presente é porque ele faz parte de uma história. Uma história de inquietação, de um sentimento que me moveu e move ainda, a sair do limite da redoma para um compromisso maior com a educação.

De 1989 até 1999 trabalhei em um colégio particular na Tijuca. Os últimos oito anos em que permaneci ali, trabalhei como Orientadora Pedagógica da Educação Infantil. Caminhos diversos me levaram a esta função. Fiz Fonoaudiologia e depois Educação Religiosa. Iniciei na escola em 1989 como Coordenadora de Educação Cristã. Em 1992, recebi um convite para assumir a Orientação Pedagógica do Jardim 1 e 2. Devo esse reconhecimento a Celi Britto, então diretora da escola, que me mobilizou com olhos de desafio e descoberta. Fui construindo uma prática para a qual foi reconhecida a minha qualificação, mas não estava especificamente habilitada. Complicado isso, não? Fiz pós-graduação em Psicopedagogia e depois Educação Infantil. A princípio, parecia um caminho solitário. Mas hoje, rememorando esse passado, vejo que essa experiência está permeada de encontros que me desafiaram a prosseguir, mesmo diante de alguns impedimentos.

Porém, ao envolver-me com o cotidiano da educação infantil, havia um incômodo. O trabalho realizado era pensado para e não com a criança. Havia muita disposição em fazer coisas para as crianças. Buscamos leituras<sup>1</sup>, trocamos idéias e aos poucos procuramos ouvir mais as crianças, planejar com elas. O que poderia embasar essa prática que procurava sair da coisa pronta, acabada? Foi nessa inquietação que procurei um curso de pós-graduação que tratasse das questões da educação infantil. O que encontrei foi além das expectativas: novas leituras, novos olhares e, principalmente, o encontro com a pesquisa como forma de construção do conhecimento.

Esse encontro com a pesquisa me levou ao mestrado, com o desejo de ampliar o trabalho que iniciei no Curso de Especialização em Educação Infantil<sup>2</sup>. A monografia, apresentada como requisito final desse curso de pós-graduação, tratava da formação do profissional de educação infantil. A nova LDB, coloca a figura do professor como

---

1 Esse movimento foi, principalmente, fruto do trabalho da Orientadora Educacional, Arlete da Silva Ferreira, que atuava com os segmentos do Maternal e Jardim na mesma escola.

2 Em Março de 2001 concluí o Curso de Especialização em Educação Infantil na PUC-Rio: Educação Infantil – Perspectivas de trabalho em creches e pré-escolas. Com Eliana Lúcia Freitas, compartilhei a construção da monografia que tratava da formação dos profissionais da educação infantil, com o título: **A formação do profissional da creche: buscando definições para uma qualificação.**

principal profissional do processo educativo, inclusive a partir da educação infantil, trazendo muitos questionamentos sobre essa atuação. O que ficou claro nesse trabalho foi **a distância que há entre o que se escreve ou se propõe para a educação infantil, seja na Lei, nas propostas do governo ou ainda nos trabalhos teóricos da Academia e o que aparece como prática efetiva no cotidiano das instituições de educação infantil**. Essa distância pode ser percebida também no que diz respeito à formação dos seus profissionais que, de acordo com os seus depoimentos<sup>3</sup>, não os tem qualificado para o trabalho com a criança de zero a seis anos. O que seria, então, fundamental para essa formação? Essa pergunta me levou a pensar num trabalho de pesquisa que tivesse como sujeito o profissional da Educação Infantil, seu saber e sua prática. Durante o primeiro ano do mestrado, tentei delinear um projeto que levasse em conta essas questões. No entanto, a participação no grupo de pesquisa “Formação de profissionais da educação infantil no Estado do Rio de Janeiro: concepções, políticas e modos de implementação”<sup>4</sup>, levantou questões que despertaram novas inquietações e novos desejos.

O grupo de pesquisa, buscando compreender a gestão da educação infantil e seus problemas no que se refere às políticas de formação de profissionais da educação infantil no Estado do Rio de Janeiro, além de trabalhar com a análise de 54 questionários respondidos pelos, então, 91 Municípios do Estado e sistematizar dados relativos à situação da educação infantil nesses Municípios<sup>5</sup>, analisou extensivamente 5 entrevistas coletivas que reuniram, ao todo, 57 responsáveis pela educação infantil em todo o Estado<sup>6</sup>. Durante essa análise, vemos refletidas na fala desses profissionais, as suas concepções. De um lado, identificamos diferentes concepções a respeito dos objetivos da educação infantil e de políticas de gestão. De outro, diferentes concepções sobre as crianças, suas culturas e modos de interação sociais, refletem-se na maneira como são encaradas e estruturadas as ações para com as crianças em diferentes contextos e, de maneira bem específica, tanto nas ações que permeiam o cotidiano das instituições de educação infantil como nas políticas que são

---

3 Dos quinze profissionais entrevistados, nove assumiram que a sua formação inicial não os qualificou para o trabalho que realizavam na educação infantil. E foi significativa a fala de quem fez o curso normal, ao dizer que precisa fazer pedagogia e quem fez só pedagogia dizer que deveria ter feito o normal.

4 “Formação de profissionais da educação infantil no Estado do Rio de Janeiro, concepções, políticas e modos de implementação”. Pesquisa coordenada pela Professora Sonia Kramer, com o apoio do CNPQ e FAPERJ – PUC-Rio.

5 Esta análise pode ser encontrada no Relatório da Pesquisa Formação de Profissionais da Educação infantil no Estado do Rio de Janeiro, publicado em 2001 pela PUC-Rio com o apoio do CNPQ e da FAPERJ.

6 O resultado dessa análise concretizou-se na produção de vários textos (Corsino, Nunes & Kramer, 2003; Micarello, 2003; Mello & Porto, 2003, Kramer 2002b, entre outros) e do relatório final da pesquisa.

elaboradas para a criança de zero a seis anos. Com certeza não é só a concepção de infância que estará norteando essas ações e iniciativas.

Azevedo (2002) fala de uma lógica economicista-instrumental que permeia hoje a municipalização da educação que, segundo a autora, apesar de dar conta de colocar a população escolar para dentro da escola, não fornece as condições necessárias para que se tenha uma educação de qualidade. Azevedo não fala especificamente da educação infantil – que a partir da LDB torna-se responsabilidade dos Municípios – mas existem questões econômicas e políticas que, a meu ver, necessariamente não estão levando em conta a criança ao proporem ações para a infância. Se para a população escolar, que se refere ao ensino fundamental, o que falta é uma educação de qualidade, para as crianças de 0 a 6 anos precisamos tanto de vagas como de qualidade nas instituições públicas destinadas a essa faixa etária. Se as concepções são importantes para a prática, as políticas de educação e sua implementação são fundamentais.

Nas falas das entrevistas dos profissionais da educação infantil analisadas pela pesquisa, diferentes concepções afloram como norteadoras da sua prática. E, embora os professores entrevistados expressem o desejo de mudança e de novas visões, ao falar da prática, na maioria das vezes o que permanece são concepções que ainda estão longe de olhar a criança, e às vezes até a si mesmos, como sujeitos históricos, que produzem significados e se tecem nessa trama das relações do cotidiano de uma instituição de educação infantil<sup>7</sup>. Além do encontro com o grupo de pesquisa, outro me mobilizou: as discussões, leituras e o trabalho realizado para a disciplina *Infância e Cultura*<sup>8</sup>.

Um olhar para a infância e para a criança, buscando uma concepção que ajude a ver a criança nas suas interações, a criança como sujeito histórico-social, e a visão da necessidade de que a formação do profissional da educação infantil seja um espaço de discussão e fomentação dessas concepções, foram despertando em mim o desejo de pesquisar a criança. Ainda pensando na formação do profissional da educação infantil, e principalmente por isso mesmo, senti a necessidade de buscar o olhar da criança. Com isso, mudei o curso da dissertação e, em janeiro de 2003, construí um novo projeto para a pesquisa.

---

7 Uma visão mais detalhada dessas concepções pode ser encontrada nos trabalhos apresentados por Hilda Micarello (2003) e Maria Lúcia Mello e Cristina Laclette Porto (2003), apresentados no GT de Educação da criança de 0 a 6 anos, na 26ª Reunião Anual da ANPED, Poços de Caldas, 2003.

8. Mestrado em Educação PUC-Rio, 2º sem. 2002. *“Corre, vai, vai mais uma vez” Um estudo exploratório sobre o tempo e o espaço da brincadeira de crianças em um shopping*. Apresentado como trabalho na 26ª Reunião Anual da ANPED, Poços de Caldas, 2003.

Assim, iniciei, não um caminho novo, mas um *novo jeito de caminhar* que planta agora suas raízes.

*Certas coisas existem por derivação e associação; repetem-se, impõem-se – e, em letra de forma, tomam consistência, ganham raízes.*  
Graciliano Ramos(1978:26)

Se as palavras já estão libertas, se a redoma foi quebrada, este é o momento crucial em que novas palavras passam a existir, a partir daquelas primitivas, e ganham no texto suas raízes, adquirem consistência. O meu desejo é que não seja essa uma nova redoma, mas o chão para se andar de tantas formas quantas forem as descobertas, os encontros e desencontros desse olhar sensível do qual se arma o pesquisador.

Para Achutti (1997: 42), *através do convívio social, aprendendo a cultura do nosso grupo, aprendemos a pensar, a usar nosso corpo, a escutar, a sentir cheiros, a tatear, a olhar e classificar e identificar essas experiências a partir de um repertório compartilhado com nosso grupo*. Isso implica dizer que a nossa capacidade de olhar é uma construção social. O olhar é algo a ser aprendido. Neste sentido, o convívio com o espaço acadêmico, com outros modos de produzir o conhecimento, foi um aprendizado que implicou a construção da minha capacidade de olhar, que é articulada com outros olhares. Portanto, a produção do conhecimento, que se corporifica no texto desta dissertação é também uma produção coletiva. É com esse olhar coletivo que procuro definir estratégias metodológicas, construir significados na interação com os sujeitos da pesquisa e trazer para o texto os caminhos e descaminhos desses dois anos de estudo. Assim, as raízes de uma dissertação estão exatamente nesse difícil exercício que é mostrar com clareza os caminhos da pesquisa.

No estudo exploratório que realizei para a disciplina Infância e Cultura, busquei trazer a criança para o centro da cena: tanto das observações como das análises feitas. Esse exercício me mobilizou a buscar a criança numa interação mais próxima. E, como nessa interação estava implicado o desejo de levar em conta a formação do profissional da educação infantil, busquei uma instituição de educação infantil para ser o campo da pesquisa.

**O meu desejo era estudar e conhecer o modo como as crianças usam os espaços e o tempo planejados para elas dentro de uma instituição de educação infantil. Tentar compreender o cotidiano da educação infantil a partir do seu ponto de vista, de como a criança se apropria desse espaço, o que ela faz, o que ela diz, que interações estabelece com seus pares e com os adultos.**

É assim que trago, agora, com as minhas palavras, o texto possível, que são os fios tecidos no tear da pesquisa. Fios meus e de todos aqueles que compartilharam comigo esse desafio que é a produção do conhecimento. Fios puxados dos textos e livros lidos ao longo do curso do mestrado. Tive dificuldade em privilegiar um interlocutor, porque em cada texto encontrava um caminho. Procurei então trazer os autores nos quais identifiquei o debate sobre a infância, a criança e a educação infantil como ponto de partida. O próprio campo me apontou a necessidade de buscar outros autores a fim de prosseguir com a análise das questões recorrentes na pesquisa empírica. Assim, no primeiro capítulo, falo dos encontros possíveis entre a educação infantil, a infância e a criança. No segundo capítulo faço uma descrição das escolhas, acertos e desacertos, nos quais se estruturaram os rumos desta pesquisa. E, no terceiro capítulo, trago as questões que emergiram das observações e as análises.

